

UM PERFIL DOS MIGRANTES QUE RECORREM AOS ALBERGUES DA REGIÃO DE SOROCABA

Marcia Beatriz Carneiro Aragão*

Na literatura brasileira sobre migração, por vezes encontramos referências às limitações que as bases de dados disponíveis apresentam: os pesquisadores em geral recorrem aos censos populacionais, extraíndo destes as informações básicas através de cálculos e da análise de tabelas, o que nem sempre satisfaz a ânsia de saber um pouco mais sobre a dinâmica migratória. Por outro lado, as alternativas ao Censo, além de escassas não alcançam o universo por este contemplado: o conjunto da população brasileira. Assim, qualquer pesquisa alternativa que trate de um segmento da população migrante tem de deixar claro as limitações de seu universo, ao mesmo tempo em que oferece as riquezas de um mergulho mais profundo ao procurar saber quem são esses migrantes.

Um desses segmentos, de nítida importância dada a sua visibilidade e persistência, é formado pelos migrantes sem meios materiais que recorrem aos albergues mantidos por entidades assistenciais e/ou pelas prefeituras. Mas essa fatia dos migrantes é ainda muito caudalosa em um país populoso como o Brasil. O objeto da pesquisa é então novamente recortado e se originam estudos que abrangem desde um particular albergue da cidade de São Paulo, até um conjunto de albergues da região de Sorocaba, como é o caso deste artigo, que sumariza um estudo intitulado *Um Retrato do Migrante da Região de Sorocaba*¹. Os níveis de abrangência são distintos nessas pesquisas, podendo-se falar em nome de uma região ou de alguns entrevistados, mas todos esses estudos podem oferecer importantes subsídios para a elaboração de

políticas públicas que façam face à chamada questão migratória.

Histórico e Metodologia da Pesquisa

Nos últimos meses de 1996, o IPESO - Instituto de Pesquisa e Estatística de Sorocaba - foi contratado pelo Serviço de Obras Sociais de Sorocaba para realizar uma pesquisa sobre a população que pernoitava nos albergues da região e para implantar um *software* de cadastramento dessa população. Foram então elaborados três modelos de questionário, com o maior número possível de informações, que delinhassem um perfil da população migrante.

Dentre as cidades que formam a região, foram selecionadas, com base em critérios em parte estatísticos e em parte operacionais: Sorocaba, Itu, Itapetininga, Itararé, Boituva, Porto Feliz, São Roque e Botucatu. Os questionários foram aplicados nas organizações de atendimento à população migrante entre dezembro de 1996 e junho de 1997. A base de dados obtida foi amostrada de acordo com o período da coleta de dados e a proporcionalidade. A seleção da amostra seguiu o método Aleatório Simples (excluindo os portadores de deficiências mentais severas), resultando em 774 indivíduos. Essa amostra pretende ser representativa da população usuária dos albergues da região de Sorocaba em um momento específico: é um instantâneo de uma região e pode não ser válido para outras regiões do Estado de São Paulo. Os aplicadores da pesquisa foram em geral plantonistas dos

albergues, que receberam treinamento detalhado e foram supervisionados quinzenal ou mensalmente². A tabulação dos resultados foi realizada por uma equipe fixa de codificadores e digitadores ao longo de toda a pesquisa. Os questionários passaram ainda por uma análise de consistência e por critérios duradouros de validação.

Resultados da Pesquisa

A base de dados proporcionou ao menos três tipos de análise: a de percentuais, de hipóteses e a de tipos. Além disso, foi possível extrair uma série de médias de idade.

Neste artigo, interpretaremos os percentuais considerando tanto as maiores significativas quanto as demais proporções. Maioria significativa é aqui utilizada em sua acepção estatística, a maioria não determinada pelo acaso. As variáveis apresentadas foram selecionadas dentro do conjunto de variáveis do primeiro modelo de questionário, aplicado em pessoas a partir dos catorze anos de idade.

A maioria significativa dos migrantes que procuram os albergues da região de Sorocaba é de homens (82%, contra 18% de mulheres). Predominam as pessoas adultas (30 a 49 anos: 53%) sobre as outras faixas etárias (18 a 29 anos: 32%; 50 anos ou mais: 13%; 14 a 17 anos: 2%). O estado civil dominante é o de solteiro (46%, contra casado ou amasiado: 35%; separado: 14% e viúvo, 5%)³. A maioria tem pelo menos um filho (nenhum filho: 42%; um filho: 17%; dois filhos: 17%; três ou quatro

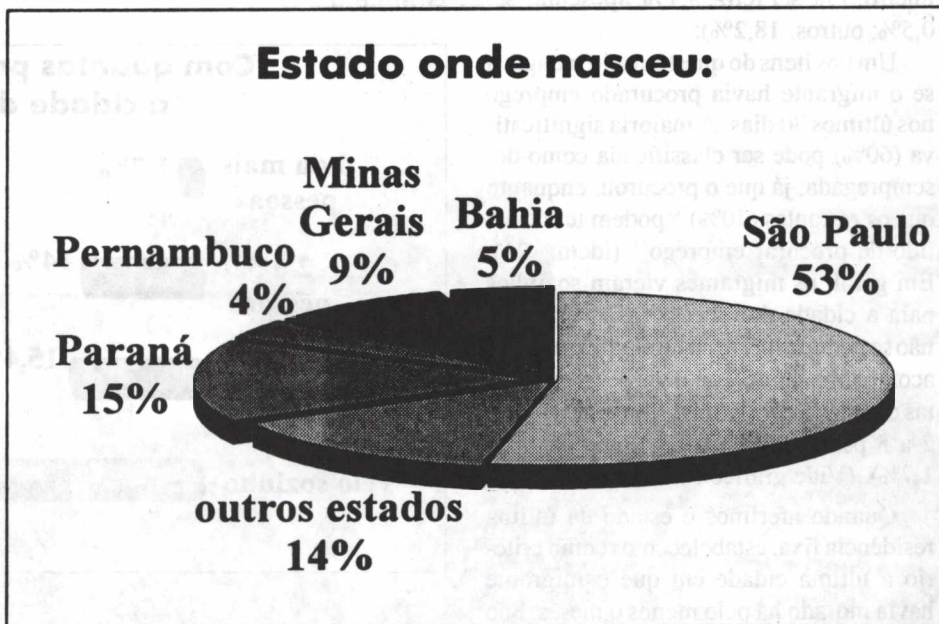
filhos: 15%; cinco ou mais filhos: 9%). Predomina a cor de pele branca (66%); parda: 26%; negra: 8%; amarela: 0%).

A profissão que o entrevistado mais exerceu nos doze meses que antecederam a pesquisa apresentou ampla variação, destacando-se as profissões que não exigiam maior qualificação (aposentado ou pensionista: 2,2%; outras profissões de serviços: 20,7%; outras profissões de escritório: 0,4%; outras profissões de indústria: 5,0%; outras profissões de comércio: 4,9%; dona de casa: 2,2%; vendedor, ambulante ou autônomo: 5,0%; ajudante geral ou serviços gerais: 6,8%; doméstica, faxineira ou cozinheira: 10,8%; lavrador, bóia fria ou caseiro: 17,0%; pedreiro, servente ou pintor, 19,6%; nenhuma, 5,3%).

Conforme demonstrado pelo gráfico 1, a maioria significativa dos migrantes (53%) nasceu no Estado de São Paulo (Bahia: 5%; Minas Gerais: 9%; Pernambuco: 4%; Paraná: 15%; outros estados, 14%)⁴. Predominam os migrantes nascidos na zona urbana (70%, contra 30% provindos da zona rural)⁵. Os documentos que os migrantes mais possuem são a certidão de nascimento e a carteira profissional, e aqueles que mais perderam são o CIC ou CPF e o título de eleitor. De toda forma, os migrantes em geral têm todos esses documentos (CPF: 58%; título de eleitor: 61,4%; certidão de nascimento: 68,5%; carteira de trabalho: 68,5% e cédula de identidade: 66,4%). (Vide gráfico 2)

Os migrantes em sua maioria têm o primeiro grau incompleto (1º grau incom-

Gráfico 1

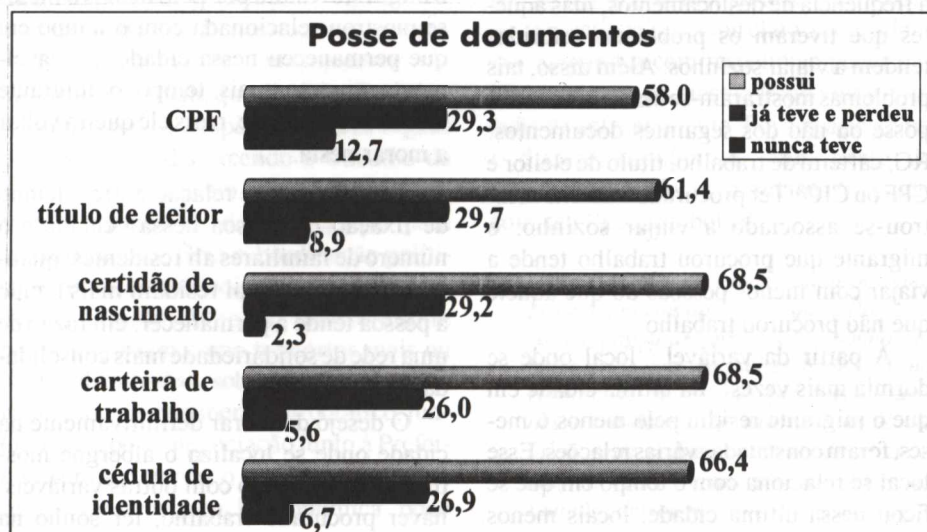


pleto: 73%; 1º grau completo ou segundo grau incompleto: 15%; 2º grau completo ou 3º grau incompleto: 4%; 3º grau incompleto ou completo: 0,3%; analfabetismo: 8%). Apenas uma minoria é analfabeta. Em relação ao que os migrantes vieram fazer na cidade do albergue, a maior parte "está de passagem" (51,8%), tendo também destaque o motivo "procurar emprego" (22,4%), além de "outros motivos" (7,7%), "veio junto com parentes" (1,2%); "procurar parentes" (3%), "visitar parentes" (3,7%); "trabalhar" (5,8%); "tratamento médico" (4,3%)⁶. Quanto à condução que os migrantes utilizaram para

chegar até a cidade do albergue, predominou o ônibus (77%), seguido pelo trem (9%) e outras (14%).

A pesquisa aferiu se os migrantes gostariam de morar definitivamente na cidade do albergue. Se considerarmos as alternativas isoladamente, "não gostaria" tem um predomínio significativo sobre "depende" e "gostaria" (47%, contra 24 e 29%, respectivamente). Mas se agregarmos as duas últimas alternativas como "possibilidade de permanecer", a diferença significativa se desfaz (47 contra 53%) e vemos os migrantes divididos entre permanecer ou não na cidade do albergue. Também foi aferido em quantas cidades o entrevistado dormiu nos 30 dias que antecederam o dia da entrevista. A maior parte dos migrantes pernitoou em até duas cidades (nenhuma: 14,6%; 1 cidade: 32,5%; 2 cidades: 21%; 3 cidades: 14,9%; 4 cidades: 4,7%; 5 a 9 cidades: 4,7%; 5 a 9 cidades: 8,6%; 10 ou mais cidades: 3,7%). Quanto a ter sonho na vida, apesar de a maioria dos migrantes ter alguma aspiração (80,1%), merece destaque a proporção daqueles que já não têm qualquer aspiração (os restantes 19,9%). Dentre as suas aspirações, destacamos a de ter emprego ou trabalho (18,6%) e a de ter casa própria (15,5%) entre outras (melhorar de vida: 9,6%; constituir família: 5,3%; encontrar a família: 2,3%; tornar-se rico ou ter di-

Gráfico 2

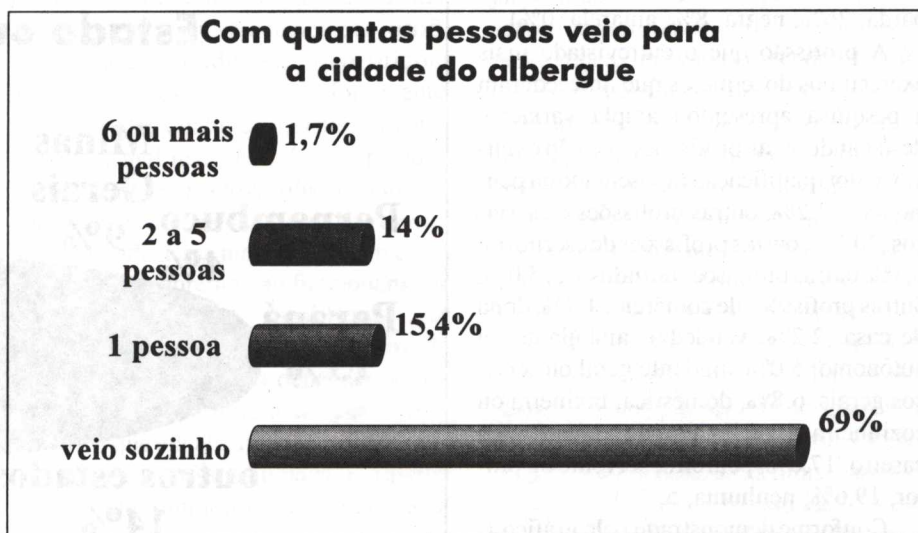


nheiro: 7%; ser feliz: 3,1%; aposentar-se: 0,5%; outros: 18,2%).

Um dos itens do questionário indagava se o migrante havia procurado emprego nos últimos 30 dias. A maioria significativa (60%) pode ser classificada como desempregada, já que o procurou, enquanto que os restantes (40%) “podem ter desistido de procurar emprego” (idem: 21). Em geral, os migrantes vieram sozinhos para a cidade do albergue (69%), “mas não se pode desprezar o número de pessoas acompanhadas de 2 ou mais pessoas, muitas casadas e com filhos (1 pessoa: 15,4%; 2 a 5 pessoas: 14%; 6 ou mais pessoas: 1,7%). (Vide gráfico 3)

Quando aferimos o estado da última residência fixa, estabelecemos como critério a última cidade em que o migrante havia morado há pelo menos 6 meses. São Paulo é o estado que predomina (63%), seguido de Paraná (14%), Minas Gerais (5%) e outros estados (18%). Essa última residência fixa era predominantemente a casa de parentes (37,3%), seguida de casa ou similar (quarto ou barraco, por exemplo) ocupada pela pessoa (21%) e outros tipos de residência (casa do patrão: 13,2%; pensão ou similares: 10,9%; alojamento: 9,8%; outros locais: 7,8%). A maioria dos migrantes tinha parentes nessa última cidade (10 ou mais parentes: 8,8%; 4 a 9: 33%; 1 a 3: 23,7%) e morou nesta por mais de dez anos (40,5%; 6 a 9 anos: 6,3%; 3 a 5 anos: 10,5%; 2 anos: 7,3%; 1 ano: 8,0%), apesar de uma fatia expressiva ter residido nesta por menos de 1 ano (27,3%)⁷. Uma expressiva maioria teve algum tipo de trabalho (88%, contra 12% que não o tiveram) indicando que os migrantes não são um “bando de desocupados” como muitos podem supor. O motivo predominante da saída dessa última cidade foi a falta de emprego ou trabalho (63,8%), seguido à distância por motivos familiares (desentendimento com a família: 9,1%; procurar família ou parentes: 8,5%). As respostas para essa questão foram múltiplas, por isso seus totais ultrapassam 100% (outros motivos: 12,9%; tratamento médico ou doença: 7,5%; falta de moradia, ou aluguel ou pensão cara: 7,0%; tirar documentos: 3,1%; salário baixo: 2,4%; acompanhar parentes ou familiares: 2,4%; melhorar de vida: 2,3%; óbito de parente:

Gráfico 3



2,3%; conhecer outras cidades: 2,3%; alcoolismo ou problemas causados por este: 1,6%; problemas com a polícia ou com drogas: 1,1%). Os migrantes em sua maioria gostariam de voltar a morar a essa última cidade (57%, contra 43% que não querem mais retornar).

Hipóteses Comprovadas

Além dos percentuais, estabelecemos relações entre as variáveis, de forma a saber em que medida uma interfere em outra. As hipóteses formuladas foram testadas estatisticamente (teste qui-quadrado e teste t) e rejeitadas ou não⁸.

Uma das variáveis, “ter tido problemas com a polícia” não tem relação com a frequência de deslocamentos, mas aqueles que tiveram os problemas referidos tendem a viajar sozinhos. Além disso, tais problemas mostraram-se associados com a posse ou não dos seguintes documentos: RG, carteira de trabalho, título de eleitor e CPF ou CIC⁹. Ter procurado trabalho mostrou-se associado a viajar sozinho: o migrante que procurou trabalho tende a viajar com menos pessoas do que aquele que não procurou trabalho.

A partir da variável “local onde se dormia mais vezes” na última cidade em que o migrante residiu pelo menos 6 meses, foram constatadas várias relações. Esse local se relaciona com o tempo em que se ficou nessa última cidade: locais menos

estáveis (como albergues e alojamentos) provavelmente se relacionam com um menor tempo de residência, enquanto locais mais estáveis (como casa ocupada pela pessoa ou casa de familiares) se relacionam com um maior tempo de residência. Esse local também está relacionado com o desejo de voltar a morar nessa última cidade: locais mais estáveis provavelmente tendem a motivar mais o retorno do que lugares menos estáveis. Esse local se relaciona com a própria frequência de deslocamentos: se o local de moradia era estável, a provável tendência foi de pernoitar em menos cidades. Inversamente, se o local de moradia era provisório, a provável tendência foi de pernoitar em mais cidades. A vontade de voltar a morar na cidade em que o migrante residiu por pelo menos 6 meses se mostrou relacionada com o tempo em que permaneceu nessa cidade: provavelmente, quanto mais tempo o migrante morou nessa cidade, mais ele queira voltar a morar nesta.

Também houve relação entre o tempo de fixação da pessoa nessa cidade e o número de familiares ali residentes: quanto mais familiares aí residam mais tempo a pessoa tende a permanecer, em razão de uma rede de solidariedade mais consolidada.

O desejo de morar definitivamente na cidade onde se localiza o albergue mostrou-se relacionado com outras variáveis: haver procurado trabalho, ter sonho na

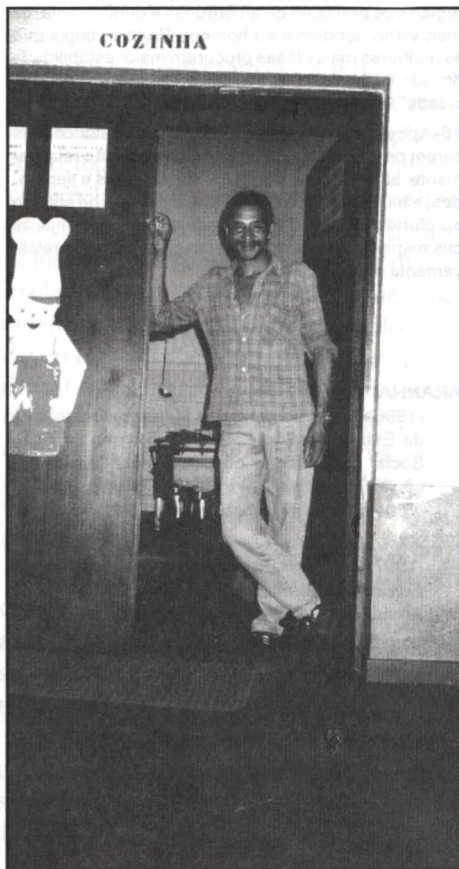
vida e o que veio fazer na cidade onde se localiza o albergue.

Problemas de saúde revelaram-se associados com o que se veio fazer na cidade onde se localiza o albergue: provavelmente, aqueles que têm problemas de saúde tendem a procurar essa cidade para conseguir tratamento médico. Problemas de saúde relacionam-se ainda com uma faixa etária específica, pessoas com mais de 50 anos¹⁰. Finalmente, problemas de saúde relacionam-se ao migrante ter vindo à procura de emprego na cidade do albergue: “quem veio à procura de emprego tem uma saúde melhor do que os que não vieram à procura de emprego” (IPESO, 1997, p.29).

A quantidade de cidades em que o entrevistado dormiu nos 30 dias anteriores à aplicação do questionário relaciona-se a quem comprou a passagem: “as pessoas que compraram a passagem tendem a migrar menos do que aqueles que a tiveram subvencionada” (idem, ibidem).

O que se veio fazer na cidade do albergue mostrou-se associado com o número de cidades em que se pernoitou nos últimos 30 dias.

Foto: Dirceu Cutti



A cor da pele só se relacionou com a frequência de deslocamentos ou comportamento migratório em um caso: o dos orientais e seus descendentes, que tendem a migrar menos que os indivíduos de outras etnias, o que pode ser explicado pelo amparo que essas comunidades proporcionam a seus indivíduos. Todavia, não há relação entre as outras cores de pele e migração. Existe ainda uma relação entre cor da pele e faixa etária: entre os “idosos” (50 anos ou mais) a incidência de negros e pardos é significativamente menor do que entre os mais jovens, “cabendo questionar onde estão os negros e pardos dessa faixa etária cujas condições de vida são similares às dos brancos que procuram os albergues” (idem: 30).

Os migrantes foram questionados se tinham algum “sonho na vida”. Apesar do sonho não se associar com a frequência de deslocamentos, outras associações se confirmaram: a proporção dos “idosos” que sonham é menor do que a dos mais jovens¹¹. Além disso, há também diferença entre os tipos de sonhos dos migrantes mais novos e dos mais velhos¹².

O Estado em que o migrante nasceu se relaciona com a intensidade das migrações: o migrante nascido fora de São Paulo tende a migrar mais do que o paulista¹³.

Pertencer a um determinado sexo não se relaciona com frequência de deslocamentos. Apesar disso, outras relações foram comprovadas: a incidência de mulheres entre os “idosos” é menor do que entre os mais jovens¹⁴. Existe relação entre sexo e a procura de emprego na cidade do albergue: os homens tendem a procurar emprego mais do que as mulheres.

Médias de Idade

Encontramos várias médias de idade entre os migrantes: a idade média do migrante é de 36 anos, sendo a das mulheres de 32 e a dos homens de 37 anos; a idade média dos negros é de 37 anos, a dos brancos, de 36 e a dos pardos, de 34 anos. A idade média dos que não têm problema de saúde é de 35 anos, contra 39 para aqueles que apresentam problemas de saúde. A idade média dos solteiros é de 33 anos, a dos casados ou amasiados, 36, a dos separados, de 42 e a dos viúvos, de 50 anos¹⁵.

Tipos de Migrantes

Foram estabelecidos, com base em técnicas estatísticas, tipos de migrantes. Para obter esses grupos foram cruzadas uma série de variáveis, mas a variável-chave utilizada é o número de cidades em que o migrante pernoitou nos 30 dias anteriores à aplicação do questionário. Chegamos a quatro grupos de migrantes: novato, adoentado, típico e volante.

O grupo de novatos caracteriza-se por predominarem mulheres jovens, acompanhadas por familiares, com o primeiro grau completo ou o segundo incompleto, a última cidade em que residiram de forma fixa, em casa própria ou similar ou em casa de família, foi no Estado de São Paulo, mas não trabalharam nessa cidade. São pessoas que pernoitaram em apenas 1 cidade nos 30 dias anteriores à entrevista. O grupo de adoentados é formado por idosos (50 anos ou mais) com problemas de saúde e que não procuraram trabalho nos últimos 30 dias. O grupo de migrantes típicos tem presentes as características dominantes do migrante em geral: idade abaixo dos 50 anos, sem problemas de saúde, procuraram trabalho nos 30 dias anteriores à aplicação do questionário e vieram procurar trabalho na cidade do albergue. Finalmente, o grupo de migrantes volantes é o dos que pernoitaram em pelo menos 5 cidades nos últimos 30 dias, são em geral do sexo masculino, procuram emprego, perderam os documentos, a última cidade em que moraram pelo menos 6 meses, na casa do patrão ou em alojamento, era de outro Estado. Esse migrante já teve algum tipo de problema com a polícia, viajou mais sozinho ou acompanhado de apenas uma pessoa, e possui sonhos na vida. Essas pessoas não desejam morar na cidade do albergue.

Refletindo sobre os Resultados

Apresentamos uma fatia da população migrante em suas características. Se, dentre os enfoques teóricos sobre migração, existe um de caráter “subjetivo e psicologizante” que predominou até os anos 70 e outro que privilegia a dimensão econômica dos fluxos migratórios (Patarra, 1987), os resultados ora apresen-

tados procuram servir de subsídio aos dois enfoques, já que tratamos das percepções e aspirações dos indivíduos aliadas à sua posição no mundo do trabalho e a características como sexo, idade e cor da pele. Isto porque consideramos esses enfoques como complementares: entender os migrantes não é considerá-los apenas como seres movidos pelas necessidades materiais, mas também seres dotados de aspirações e particularidades físicas. Além disso, têm determinadas visões de mundo (aspecto não tematizado por esta pesquisa) e estão, portanto, mergulhados no mundo da cultura, que na medida de suas forças recriam.

Como se sabe, essa população se situa dentro de uma nova dinâmica dos movimentos migratórios no Brasil, que a partir dos anos 70 passaram a ser grandes, persistentes e contínuos, incluindo a migração de retorno e a figura do "migrante profissional" (Patarra, 1983). O "migrante volante", dentro dos tipos de migrantes que procuram os albergues, dá bem a medida do que é o constante deslocamento que passa a ser condição da existência. Além disso, houve uma diminuição do fluxo migratório rumo às metrópoles e um florescimento migratório do interior (Aranha, 1996). No Estado de São Paulo, em particular, o interior apresentou crescimento econômico nos anos 80. O próprio surgimento dos albergues de migrantes no Estado de São Paulo deve-se a esse contexto de crescimento e de pobreza seguido da tentativa de controlar e selecionar o ingresso de migrantes nas cidades. (Aranha, 1996).

Mas além de situado no contexto brasileiro e paulista, tal fluxo migratório dos que procuram albergues pode ser incluído em um contexto mais amplo: vivemos um momento em que qualquer lugar do planeta pode estar integrado com todo o restante. A circulação de idéias, mercadorias e pessoas tende a ser crescentemente ampliada. Todavia, as exigências para esse tipo de intercâmbio incluem qualificação profissional crescente. Caberia investigar quais os possíveis efeitos da globalização na dinâmica migratória: haverá um estímulo ou um arrefecimento da migração? A mobilidade aliada à exigência de maior qualificação resultará em mais segregação dos que procuram o albergue (visto que sua

escolarização é de nível básico)? É plausível supor que sem políticas públicas e movimentos sociais que escolarizem e qualifiquem essa população, esta não possa melhorar substancialmente suas condições de vida e, pelo contrário, veja-se ainda mais alijada nas cidades em que procura oportunidades de fixação. Ao mesmo tempo, escolarizar essa população com êxito significa trabalhar com suas possibilidades e limitações, algumas das quais foram aqui apresentadas.

Se pensarmos finalmente de forma mais concreta e imediata, o atendimento oferecido aos migrantes vem sendo uniforme, voltado mais para o "migrante típico". O "migrante novato", o "adoentado" e o "volante" apresentam situações específicas (inclusive de saúde) que não deveriam ser negligenciadas em seu atendimento. Seria preciso garantir, em suma, cidadania às pessoas que migram, qualquer que seja a sua condição sócio-econômica, tarefa não somente dos albergues, mas de todos os implicados nessa situação.

* *Marcia Beatriz Carneiro Aragão é socióloga e trabalha para o IPESO.*

NOTAS

- 1- Agradecemos ao Serviço de Obras Sociais de Sorocaba, que disponibilizou os resultados da pesquisa e informamos que o conteúdo deste artigo é fruto do trabalho da equipe de pesquisadores que elaboraram o estudo: o coordenador da pesquisa, Victor Trujillo, os estatísticos Eliani Guelli e Marcelo de Almeida e os sociólogos Ernesto Maeda e Marcia Aragão.
- 2- Tiveram um papel destacado no sucesso da pesquisa, considerando-se seu empenho e o fato de a adesão das organizações ter sido em geral voluntária.
- 3- Conforme o estudo publicado, a "alta taxa de solteiros, se levarmos em consideração distribuição das faixas etárias, em especial a população entre 30 e 49 anos, deve ser ponderada pela situação de específica dificuldade de adaptação econômica e cultural vivida pelo migrante" (IPESO, p.15).
- 4- "A origem do Paraná, provavelmente se explique pela proximidade da região estudada (região de Sorocaba), com esse Estado" (idem: 17).
- 5- "Este dado pode ser relacionado com o próprio fato da maioria dos migrantes ser originária do Estado de São Paulo, um Estado bastante urbanizado, acima da média do país" (idem, ibidem).
- 6- "Levando-se em consideração que outras alternativas já estão presentes, há que se considerar que o alto índice dos migrantes que estão apenas de passagem reforçam a tese de que é preciso repensar a atual situação, onde o migrante é 'jogado' de uma cidade para outra mais próxima" (idem: 19).
- 7- Isto indica que "uma grande parcela de migrantes não consegue se fixar nas cidades em que estabelecem alguma forma de vínculo" (idem: 24).
- 8- Entre aquelas que foram rejeitadas está a de que ter

tido problemas com a polícia associa-se à migração (em quantas cidades pernitoit nos últimos 30 dias); aqueles que tiveram problemas com a polícia tenderam tanto a migrar quanto aqueles que não os tiveram.

9- A falta desses documentos provavelmente tendeu a causar mais dificuldades com a polícia.

10- Se isto parece, a princípio, óbvio, seria preciso comparar esse resultado com o perfil da população geral, para verificar se é um fenômeno geral ou se incide mais sobre esse tipo de população: em suma, se essa população migrante envelhece mais cedo por conta de suas condições de vida (como, aliás, pressuamos) ou não.

12- "Se esse fato pode ser atribuído em parte à idade, podemos também supor que a condição de migrantes empobrecidos vá desesperando as pessoas, com o passar do tempo" (idem: 31).

13- "É lícito supor que as aspirações dos migrantes mais jovens estejam ligadas ao incremento de sua condição material, através de emprego, mais dinheiro, moradia etc, e ainda à constituição de uma família. Já os mais velhos possivelmente desejam ter condições que lhes garantam tranqüilidade em sua existência, ou em outros termos, assistência à velhice, através de atendimento médico, retorno à família e aposentadoria, por exemplo" (idem, ibidem).

14- "Isto não quer dizer necessariamente que o fluxo migratório seja em geral entre os Estados da Federação e sim que o migrante nascido no Estado consegue maior fixação do que o migrante provindo de fora. Provavelmente isto está ligado às relações mais estáveis que o indivíduo, tendo sempre morado em uma mesma cidade, consegue estabelecer e que o socorem em caso de necessidade" (idem: 31).

15- "Não deixa de ser curiosa essa constatação, visto que se sabe que as mulheres tendem a viver mais do que os homens. No entanto, estamos investigando um tipo especial de população - os migrantes de uma certa região que precisam de albergues - e dentro desta, os mais velhos tendem a ser homens. Pode-se supor que as mulheres mais idosas procurem maior estabilidade do que os homens, procurando fixar-se em alguma cidade" (idem: 32).

16- Apesar das médias de idade para os estados civis serem progressivas, há que se notar que são relativamente altas no caso dos solteiros, casados e separados, e baixas para os viúvos. Seria preciso no entanto aprofundar a investigação para se poder afirmar se tais migrantes demoram a se casar e enviavam relativamente cedo.

BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, Valmir.
(1996) "Os Albergues dos Migrantes no Interior do Estado de São Paulo: Programas de Ação Social ou Políticas de Circulação de População?" *Travessia Revista do Migrante*, Ano IX, número 25, Maio - Agosto, pp. 25-29.
- IPESO
(1997) *Um Retrato do Migrante da região de Sorocaba*. Sorocaba, Fundação Ubaldino do Amaral.
- PATARRA, Neide Lopes
(1983) "Movimentos migratórios: Características e Tendências Recentes". In: Centro de Estudos Migratórios. *O Vaivém da Sobrevivência*. São Paulo, Edições Paulinas.
- PATARRA, Neide Lopes e CUNHA, José Marcos P.
(1987) "Migração: um tema complexo". *Revista São Paulo em Perspectiva*, 1 (2): 32-35, julho-setembro.